Uma equipa está a preparar, finalmente,

A edição crítica da obra pessoana

Ivo Castro

E **«Equipa Pessoa»**, nome que nos vamos habituando a dar ao oficialmente designado «Grupo para o Estudo do Espólio e Edição Crítica da Obra Completa de Fernando Pessoa», está instalada desde o princípio de Maio na Biblioteca Nacional. É constituída, para já, por Luiz Fagundes Duarte, Joaquim Mendes, João Dionísio, Manuela Vasconcelos e por mim próprio. Conta, ainda, com uma auréola de especialistas pessoanos que aceitaram ser seus consultores (e a quem, por enquanto, não tem sido pedido muito trabalho).

Por uns tempos, a actividade da equipa vai estar concentrada em três aspectos: retomada do **inventário do espólio** que os serviços da Biblioteca Nacional iniciaram, definição do **modelo editorial** a que se submeterão as edições a publicar, elaboração do **plano geral de publicação** da obra de Fernando Pessoa (tudo isto, naturalmente, além dos aspectos ligados à instalação material para uma viagem que promete ser longa).

O modelo editorial é, em princípio, o da edição **crítico-genética,** que serve dois fins muito adequados ao caso pessoano: enquanto **crítica,** esta edição procura fixar um texto mais autorizado (isto é, mais próximo da vontade reconstituível do autor); enquanto **genética,** procura documentar o percurso seguido pelo autor na construção de cada texto. Este modelo destina-se não só ao estudioso, mas também ao leitor inquisitivo que, quando vai ao teatro, gosta de espreitar os bastidores.

Com destino ao restante público, serão publicados volumes com o texto crítico simples.

O plano geral de publicação visionará a sequência de volumes que a edição terá quando estiver concluída. Mas não se prevê como necessário que a ordem de publicação seja essa mesma: poderá até suceder que um volume seja publicado em fascículos, para não reter partes prontas por culpa de outras que requerem cuidados mais longos.

A intenção é a de publicar a **obra completa** de Pessoa, incluindo fragmentos e apontamentos avulsos. A reputação do poeta parece suficientemente estabelecida para resistir à divulgação de textos eventualmente decepcionantes, que talvez até o tornem mais ameno àqueles que, com alguma razão, reclamam do espaço que ele ocupa no nosso horizonte de leitura. Mas as prioridades serão outras: as primeiras publicações cobrirão decerto sectores da produção poética, embora não seja de excluir avanços pontuais pelo terreno da prosa, talvez inédita.

Visto o interesse que actualmente despertam os inéditos de Pessoa, e que se manifesta em numerosas publicações em diversos lugares (sendo de destacar, pela forma sistematizada que assume, o promissor projecto recentemente anunciado por Teresa Rita Lopes e a sua equipa), é possível que a maior parte dos inéditos de Pessoa tenha deixado de o ser quando deles se ocupar a edição crítica. Isso não constituirá problema para ninguém.

A edição crítica, incumbida da obra completa, terá de se ocupar de **todos os escritos** que a compõem: editados em vida de Pessoa, editados postumamente, e inéditos. Mas é óbvio que a sua tarefa principal de estabelecer um texto crítico, a partir de diversos manuscritos relacionados, será muito facilitada se todos estes já se acharem publicados, isto é, se já não forem inéditos.

É que há uma diferença fundamental entre a técnica de publicar inéditos e a edição crítica: aquela considera cada manuscrito como um indivíduo, que decifra, identifica, transcreve e publica, ou diplomaticamente, se lhe conservar todas as características gráficas, ou modernizadamente. A edição crítica, pelo contrário, reduz a um único texto vários manuscritos, naquilo que eles têm de igual ou equivalente, valorizando apenas as variantes que em alguns pontos os separam. Sucederá, assim, que um manuscrito inédito, ao ser diluído dentro do texto crítico, acabará por nunca beneficiar de uma publicação integral como a que lhe é dada pelo primeiro processo.

Parece-me que é neste sentido, e não no de uma partilha de tarefas, que se poderá falar de **complementaridade** entre projectos de publicação de inéditos e o projecto da edição crítica.

Não falta, entre Pessoa mais conhecido e Pessoa menos conhecido, trabalho para tais projectos. Também aqui os campos não se separam completamente: não é apenas nos inéditos que está o Pessoa desconhecido. Por trás de cada erro que nos é dado pelas edições se oculta uma palavra verdadeira, mas por conhecer. ■

GOETHE INSTITUT

INSTITUTO ALEMÃO

CURSOS INTENSIVOS DE VERÃO NO GOETHE INSTITUT LISBOA

04-29 de JULHO/29 de AGOSTO - 16 de SETEMBRO/05-30 de SETEMBRO

Num mês o programa de um semestre

Horários: 08.30-12.00 e 17.30-21 Horas

AULAS: 80 mensais/4 diárias

A PARTIR DE 20 JUNHO - Inscrições para principiantes

23 e 24 de Junho - TESTES DE CLASSIFICAÇÃO

PARA ADIANTADOS (a partir das 9.30 H.)

para mais informações:

CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA, 37 · TEL. 530305 · 549073 · 1198 LISBOA

RUA DO CAMPO ALEGRE, 248 · 1.º · TEL. 691408 · 4100 PORTO

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 21-B · TEL. 26925 · 3000 COIMBRA

No momento em que se discutem apaixonadamente aspectos como a ortografia do português, é oportuno divulgar alguns

Inéditos de Pessoa a propósito da língua

Luiz Fagundes Duarte

Tem sido anunciado que grande parte da obra de Fernando Pessoa está ainda inédita, e isso é verdade; é possível, no entanto, que a parte melhor e mais significativa da sua obra literária já esteja publicada, ainda que a necessitar urgentemente de uma edição crítica como a que está em vias de realização pela **«Equipa Pessoa».**

Porém, entre os documentos inéditos de Pessoa encontra-se um pouco de quase tudo aquilo por que um espírito humano, curioso e reflectivo se pode interessar — como em breve se verá. Entre estes documentos, encontram-se alguns em que o autor se ocupa de questões linguísticas, quer numa perspectiva gramatical e sistematizadora, quer numa perspectiva filosófica e inquisitiva.

Num momento em que se discutem, em alguns casos apaixonadamente, aspectos como a ortografia da língua portuguesa ou a implantação e desenvolvimento do português nos países de expressão oficial portuguesa, talvez seja importante saber-se quais eram as ideias de Fernando Pessoa — mesmo que com elas possamos não concordar — sobre a nossa língua, para além do tão badalado e mui estafado «a minha pátria é a língua portuguesa», e bem assim sobre o papel imperial do português; daí que a «Equipa Pessoa» avance com a publicação de alguns fragmentos em que o autor reflecte sobre qual pode ser a língua mais universal, ou então sobre o papel político-cultural de uma língua, sobre a língua literária, sobre a tradução ou sobre a ortografia.

Os textos são transcritos com a ortografia original, sendo os acidentes de escrita (por exemplo, as palavras riscadas ou acrescentadas), bem como as palavras ilegíveis ou de leitura duvidosa, indicados em nota; os erros discursivos, e aqueles susceptíveis de criar ambiguidade, são corrigidos e anotados, já não acontecendo o mesmo com os erros mecânicos (de dactilografia, decorrentes da velocidade dos batimentos), que apenas são corrigidos. As informações referentes à numeração das folhas são dadas entre parêntesis rectos e correspondem às respectivas cotas da Biblioteca Nacional.

O critério de transcrição destes textos, aqui, não é rigorosamente o que será adoptado na edição crítica, e visa apenas dar ao leitor uma ideia daquilo que contêm os respectivos manuscritos.

[Env. 123-42; texto dactilografado]

«O conflicto dos idiomas estabelece-se hoje, quanto á universalidade possivel, sómente entre duas linguas — o inglez e o francez. Nenhuma outra pode aspirar a uma primazia de segunda lingua dos bilingues. As vantagens estão todas do lado de Inglaterra, salvo se se entende que o uso de uma lingua universal se deve limitar á expressão simples. Nesse caso o francez, lingua restricta e precisa (as duas (1) coisas são connexas), é preferível a qualquer outra lingua de que haja claro conhecimento, exceptuando a latina. E o francez é mais facil de aprender que o latim, e sobretudo é facil de apprender na sua pureza, pois uma logica social rigida o reduziu a systema.

Se, porém, entendemos que uma lingua universal deve ser não apenas simples, senão que deve reunir os caracteristicos completos de uma lingua amplamente utilizavel, para que seja universal em dois sentidos, então o inglez tem a primazia, não só sobre o francez (seu único concorrente formal á universalidade) senão tambem sobre qualquer outro idioma. O inglez é a lingua hoje mais amplamente espalhada pelo mundo; e é a lingua fallada por o maior numero de povos independentemente importantes no mundo, pois como taes se devem considerar, não só os Estados Unidos, mas tambem a União Sul-Africana, a Austrália, e, em certo modo, a India. O inglez é a lingua que tem a maior das literaturas modernas, e uma das duas maiores, sendo a outra a grega, de todo o tempo. Tem a maior das literaturas modernas, quer no alto sentido, quer no baixo sentido, da palavra; o ambito do seu conseguimento vae de incluir Shakespeare e Milton — dois dos quatro ou cinco grandes genios do mundo — até aos autores (2) correntes de contos policiaes. E é, finalmente, uma lingua que não pesa apprender; não tem complexidades grammaticaes, nem complicações syntacticas, e, salva a relação entre a pronuncia e a escripta, não offerece opposição á mais tenue das capacidades de apprender.»

(1) as duas] no original, **as dois** (2) autores] Pessoa hesita entre esta forma e **authores,** acabando por ficar **autorores,** com o primeiro (o) sobreposto ao (h).

[Env. 123-43; texto dactilografado com emendas manuscritas]

«O GRÉMIO DE CULTURA PORTUGUEZA assenta os seus intuitos nos seguintes fundamentos:

(1) Não ha separação essencial entre os povos que fallam a lingua portugueza. Embora Portugal e o Brasil sejam politicamente nações differentes, não são nações differentes, (1) conteem por systema (2) uma direcção imperial (3) commum, a que é mister que obedeçam.

(2) A missão imperial a que teem que obedecer as duas nações que formam o Imperio Portuguez encontra-se estabelecida nas seguintes origens: (a) como memoria e tradição, (4) a fundação da civilização universal moderna pelo Infante D. Henrique, (b) como proposito e utopia, (5) a creação, pelos Sebastianistas, da idéa de um Imperio Portuguez, designado como o Quinto Imperio, e formado em bases diversas das de todos os imperios passados, (c) como tarefa de creação, (6) a concentração em uma unidade espiritual, a crear progressivamente, da tradição em que assenta a razão historica do Quinto Imperio, e da esperança em que reside a razão religiosa d'elle.

(3) Acima da idéa do Imperio Portuguez, subordinado ao espirito definido pela lingua portugueza, não há formula politica nem idéa religiosa.

(4) Para fixação dos meios materiaes do Império, há que adoptar a fixação da linguagem, e, antes de mais nada, a orthographia etymologica, excluindo as extravagancias simplificadoras creadas pela influencia da politica extrangeira.» (7)

(1) Riscado **nem.**(2) por systema] acrescentado na entrelinha, manuscrito; leitura duvidosa. (3) Riscado **senão.** (4) como memoria e tradição,] acrescentado na margem esquerda, dactilografado. (5) como proposito e utopia,] acrescentado na margem direita, dactilografado. (6) como tarefa de creação,] acrescentado na margem direita, manuscrito; leitura duvidosa. (7) O resto da folha é ocupado por breves apontamentos de ideias, manuscritos e não redigidos, de difícil leitura.

[Env. 123-100-101; texto dactilografado com emendas manuscritas]

«Quanto ao escrupulo de propriedade, de que fallei, deve entender-se que constitue estorvo só quando patentemente prejudica o prompto ou exacto entendimento do discurso. Não quere isto dizer que a propriedade da linguagem, tanto grammatical como vocabular, não seja indispensavel em toda especie de materia escripta. E ainda aqui muito depende do publico a que se o (1) escriptor dirige. O que (2) póde estar bem num artigo destinado a eruditos ou cultivados póde destoar, ainda a esses mesmos (3), quando se produza em um artigo de periodico (jornal), do mesmo modo que o que póde estar certo em prosa póde em verso ser fatalmente destoante.

O certo, nisto como no mais, é que o assumpto faz, ou deve fazer, o estylo, como particularmente se observa no dialogo, onde é intuitivo que os interlocutores devem fallar como as pessoas que são, que não como o auctor fallaria, se fôsse um ou outro d'elles. Este caso particular, todos o sabem ou presumem; o que a muitos esquece é que se deriva de uma applicação (caso) geral.

Ainda que a propriedade, bem entendida, se não deva nunca transgredir, quer empregando palavras com sentidos que naturalmente lhes não competem, quer usando de modos de dizer que não são proprios da lingua, ainda assim (4) ha que reparar que é legitimo violar as (5) mais elementares regras da grammatica — no estylo expositivo ou no artistico — se com isso ou a idéa ganha clareza ou firmeza, ou à phrase (6) se enriquece o seu conteudo de suggestão (6). Se determinado effeito, logico ou artistico, mais fortemente se obtém do emprego de um substantivo masculino appenso a substantivo (6) feminino, não deve o auctor hesitar em fazel-o. Quiz eu uma vez dar, em uma só phrase, a idéa — pouco importa se vera ou falsa — de que Deus é simultaneamente o Creador e a Alma do mundo. Não encontrei melhor maneira (7) de o fazer do que tornando transitivo o verbo «ser»; e assim dei à (8) voz de Deus a phrase: (9)

Ó universo, eu **sou-te!,**

em que o transitivo da creação se consubstancia com o intransitivo da identificação.

A última fotografia, tirada por A. Ferreira Gomes

[101] Outra vez, porém em conversa, querendo dar incisiva, e portanto concentradamente, a noção verbal de que certa senhora tinha um typo de rapaz, empreguei a phrase «aquella rapaz», violando deliberada — e justissimamente a lei fundamental da concordancia.

A prosodia, já alguem o disse, não é mais que funcção do estylo. (???)

A linguagem fez-se para que nos sirvamos d'ella, não para que a sirvamos a ella.»

(1) o] acrescentado na entrelinha. (2) Riscado à máquina **convém a.**
(3) mesmos] **memos** no original.
(4) assim] **ssim** no original.
(5) Riscado à máquina **regras.**
(6) Riscados ilegíveis.
(7) Riscado à máquina **de que a fazer.**
(8) dei à] manuscrito, substitui **puz na.**
(9) Riscado **que é um verso;** a vírgula que o antecedia foi transformada em «:».

[Env. 123-102 r/v; manuscrito]

«Entendamo-nos bem. Ninguem pode ler tudo, sequer sobre um só assunto. É pois necessario, muitas vezes, citar em segunda-mão, quando não ainda mais translatadamente (1). Não ha nisso charlatanice, desde que (2) estejamos convencidos da competencia e da probidade do primeiro citador; nem é necessário que estejamos sempre indicando que não citamos do original, enchendo as paginas, que escrevemos, de «citos em segunda-mão», ociosos e importunos. Se eu citar, ainda que no original, uma phrase grega ou allemã (3), não vem a proposito dizeremme, o que é aliás verdade, que não sei grego nem allemão. É preferivel citar em portuguez, até (4) para conveniencia do leitor.

Posso traduzir, atravez de idioma intermedio, qualquer poema grego, desde que consiga approximar-me do rhythmo do original, para o que basta saber simplesmente **ler** o grego, o que de facto sei, ou que obtenha uma equivalência rhythmica.

[102] D'essa maneira traduzi alguns poemas da Anthologia Grega. A unica coisa a perguntar (5), a quem saiba grego e produzir, é se a minha traducção está certa quanto ao sentido do poema, e (6) se consegue uma equivalencia rhythmica sufficiente. A traducções d'essas posso legitimamente appôr um «traducção de F.P.», sem que tenha que accrescentar «atravez do inglez» ou outra phrase de egual teor. O que não posso é pôr (7) «traduzido de grego», ou de qualquer modo insinuar que assim traduzi. O que não posso é criticar uma traducção alheia da mesma especie, excepto como se criticasse um original portuguez, e muito menos posso appôr (8) notas sobre o texto grego à minha traducção.

Se amanhã apparecer, sob o meu nome, um (9) opusculo sobre a cirurgia dos rins, ou uma grammatica do sanscrito (10), induzo necessariamente toda a gente a suppor que sei de cirurgia dos rins ou que conheço o idioma **devanayrico.**»

(1) translatadamente] os elementos **dame** foram conjecturados devido a um borrão de tinta no manuscrito.
(2) Riscado **nos.**
(3) Riscado **(não sei grego nem allemão).**
(4) até] acrescentado na entrelinha.
(5) Riscado **a quem,** depois repetido.
(6) e] acrescentado na entrelinha.
(7) é pôr] primeiro estava **pôr é.**
(8) appôr] o elemento **ap** foi acrescentado a **pôr** na entrelinha.
(9) Riscado **trat** (começo de **tratado**).
(10) Riscado **toda.**

[Env. 123-45; manuscrito]

A linguagem fallada é popular. A linguagem escripta é aristocratica. Quem aprendeu a ler e a (1) escrever deve conformar-se com as normas aristocraticas (2) que vigoram n'aquelle campo aristocratico.

A linguagem fallada **é nacional** (3). A linguagem escripta é — ou deve ser — o mais cosmopolita possivel. **Philosopho** deve escrever-se com 2 vezes PH porque tal é a norma da maioria das nações da Europa, cuja orthographia assenta em bases classicas ou pseudo-classicas.» ■

(1) ler e a] acrescentado na entrelinha.
(2) Riscado **vigorando.**
(3) Entrelinhada, uma frase por ora ilegível.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DA REGIÃO DE LISBOA

Cursos de Artesanato Exposição/Venda

Horário:

Das 12 às 19.30 horas (de 2.ª a 6.ª feira)

Concurso «Tronos de Santo António», no Teatro Nacional D. Maria II

De 13 a 23 de Junho/88 a partir das 15 horas

RUA DE ENTRECAMPOS, 66 (à Av. Estados Unidos da América) TELEF.: 76 24 97